

No caminho pelo rio da vida¹

Piotr Kilanowski²

Universidade Federal do Paraná

Resumo: Este texto constitui o prefácio do livro de Aleksandra Pluta *O caminho para o Rio*, ainda não publicado em português. Apresenta-se nele a obra e a história da estada no Rio de Janeiro de poetas poloneses do grupo Skamander, bem como as circunstâncias de surgimento do título do poema épico de Julian Tuwim *Kwiaty polskie*, conhecidas graças a entrevistas com um dos protagonistas do livro.

Palavras-chave: Aleksandra Pluta. Imigração polonesa no Brasil. Julian Tuwim.

On the way through the river of life

Abstract: This text constitutes the introduction to the book by Aleksandra Pluta *The way to Rio*, still not published in Portuguese. It presents the book and history of the stay in Rio de Janeiro of Polish poets from the Skamander group, as well as the circumstances of the creation of the title of the epic poem by Julian Tuwim *Kwiaty polskie*, known thanks to interview with one of the protagonists of the book.

Keywords: Aleksandra Pluta. Polish immigration in Brazil. Julian Tuwim.

O caminho para o Rio é um livro muito importante. Não apenas por preencher uma das inúmeras lacunas da história do Brasil e dos imigrantes que ao lado dos outros o construíram, ou por permitir conhecer várias particularidades de uma das muitas imigrações polonesas trazidas para cá (a carioca depois da guerra), ou por ser uma fantástica aula de história da Polônia, da Europa Central e do Brasil no conturbado século XX, contada diretamente por seus protagonistas (ou suas vítimas que tiveram a sorte de sobreviver). Creio que a qualidade mais importante do livro de Aleksandra Pluta – que conseguiu encontrar protagonistas fantásticos e fazer com que falassem de coisas muito íntimas e dolorosas – é a possibilidade de contato com o outro ser humano. A autora se abre para ouvir as histórias dos protagonistas e graças a sua receptividade, trabalho para encontrar e entrar em contato com os entrevistados e posterior elaboração de suas falas, a diversidade dos testemunhos vem à tona. Os protagonistas, por meio de seus depoimentos, indiretamente indicam perguntas e tentam respondê-las: Quem sou? O que significa a identidade nacional? Será que temos apenas uma? O livro não é somente sobre os imigrantes, mas também sobre o sentimento de

¹ O texto é a introdução à versão brasileira do livro *Droga do Rio: historie polskich emigrantów* de Aleksandra Pluta (Varsóvia: PWN, 2017). O livro, embora traduzido por Luiz Henrique Budant e pronto para publicação, ainda não veio ao lume devido às complicações editoriais. Na sequência reproduzimos uma das entrevistas.

² Professor de literatura polonesa e de tradução literária da UFPR, tradutor de poesia, fundador e coordenador do Centro de Estudos Poloneses (CEPOL) da UFPR. E-mail: emaildopiotr@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0803-4291>.

pertencimento a grupos sociais, identitários, nacionais. E uma prova de que somos sempre muito mais que um rótulo e que é impossível aplicá-lo sem reducionismo.

É também um livro em cujas páginas desfilam, geralmente na idade venerável que permite uma rara sabedoria de quem já viu a vida quase toda, as pessoas que sobreviveram em situações extremas, prisioneiros de Auschwitz, de campos soviéticos e nazistas, deportados para a Sibéria, sobreviventes de massacres da Segunda Guerra Mundial, mas também seus descendentes. Nas suas falas lemos relatos sobre como foi sobreviver a andança “pelo vale das sombras da morte”, mas seu recado mais importante é o poder da vida que sobrevive, da felicidade sempre possível, da abertura ao outro. Vemos claramente seus traumas, mas suas palavras confirmam que o mais importante é a vida. E de alguma maneira essa nova vida, traz a felicidade que parecia impossível e que foi conquistada no Brasil. Mesmo em momentos complicados como os que vivemos agora, permite nos lembrar que este ainda é um país da esperança.

Somos todos migrantes. Em algum nível somos todos estrangeiros, todos sem pertencimento, todos procurando um porto seguro. O Rio de Janeiro, que acabou sendo o fim da viagem para os protagonistas do livro, simboliza um dos mitos sobre o Brasil, como todos os mitos real e falso ao mesmo tempo, o mito do sempre acolhedor país do futuro. Para os heróis deste livro depois dos infernos de totalitarismos e nacionalismos, o Brasil é o país do sol, da beleza e de afetuosidade que conseguiram chamar de seu.

*

Os protagonistas do livro vinham para o Rio em busca da sua Terra Prometida, para aqui, depois das turbulências encontrarem uma paz. Curiosamente a autora do livro vem da cidade que durante um tempo funcionou na Polônia como a Terra Prometida, a multiétnica Łódź, que no início do século XX talvez fosse até mais plural que a multiétnica Polônia de antes da guerra. Talvez essa herança que está no DNA do Rio e dos protagonistas do livro fez com que justo nela encontrassem a ouvinte que conseguiu levar suas histórias a público, salvá-las do esquecimento e do apagamento. É grande mérito deste livro fazer justamente esse resgate, o resgate mais poético, a “vingança da mão mortal” como disse Wisława Szymborska, ou *non omnis moriar* como disse Horácio. Pois, aos poucos os protagonistas deste livro estão nos deixando, mas, graças a Aleksandra Pluta, ficam conosco por meio das suas palavras. Este livro é uma tarefa cumprida de salvação da riqueza daquele mundo, pois como disse um outro grande poeta polonês Jerzy Ficowski: “Se não há um signo mais durável que nós, nós também não existimos”.

Curiosamente no livro quase não aparece o nome de um dos maiores poetas poloneses do século XX e um dos mestres de Ficowski, talvez o único a tentar criar um dos maiores poemas épicos digressivos do idioma polonês já no século XX. Refiro-me a Julian Tuwim e sua inacabada epopeia *Kwiaty polskie (As flores polonesas)*. E cabe dizer que Tuwim, assim como a autora do livro veio de Łódź para o Rio de Janeiro, diferentemente dela, mas assim como a maioria dos protagonistas fugindo da guerra.

Ao que tudo indica (e o que foi relatado pelo tio de dois dos personagens do livro, Mieczysław Lepecki, cujo nome e história também aparecem em seu relato) o poema e seu título foram concebidos no Rio de Janeiro. O título no Corcovado, ao lado de Lepecki, e algumas centenas dos versos da epopeia no apartamento do nono andar da Avenida Djalma Ulrich, 201, em Copacabana, onde moravam Tuwim com a esposa e Jan Lechoń durante os nove meses em que se refugiaram na cidade. Aliás, Tuwim, Wierzyński, Lechoń, Choromański e Kiepura, ao lado de outros nomes importantes da cultura polonesa encontravam-se em horários fixos entre dez e meio-dia e entre cinco e seis da tarde, no café O'Key na Avenida Atlântica naqueles tempos, fazendo com que o Rio por um breve momento virasse uma capital cultural da Polônia. Os versos finais de *As flores polonesas* de Tuwim foram dedicados ao poeta Olegário Mariano (concedeu o visto para o Brasil), que assim como Aristides de Souza Mendes (concedeu o visto para Portugal) por meio da emissão de vistos salvaram o poeta polonês de origem judaica, possibilitando-lhe assim sua fuga da Europa para o Brasil. Talvez este epílogo da primeira parte da inacabada epopeia seja também uma ótima maneira de entender uma parte da vivência dos personagens desse livro que, maravilhados com a beleza da cidade, começavam por aqui a menos conturbada parte das suas vidas. Infelizmente a riqueza e dificuldade apresentada pelo poema não me permitem apresentar aqui uma tradução que fizesse jus ao original, mas para que o leitor possa sentir pelo menos um pouco do seu sabor, segue uma tradução anônima produzida pela Legação da República da Polônia no Brasil, em 1943, dois anos depois da partida de Tuwim seguindo o caminho do exílio rumo à Nova York. Pela riqueza da tradução filológica, só podemos perceber o desafio imenso que esperaria o tradutor que quisesse reproduzir também o ritmo e as rimas do verso original que segue à tradução:

Meu Poema! Estranha é a tua sorte...

Pois pensa: Rio de Janeiro

Foi a estufa de tuas flôres

E lá (- lembra-te das orquídeas,
Flôr de Ipê, Jasmin de Cabo,
Maracujá e Flamboyant,
Árvores gigantes de seis andares,
Cobertas de flôres sangrentas? -),
E lá, repito, tão pouco é preciso
Para que da terra, com a bênção de Deus,
Jorre tudo que podes sonhar
E mais ainda – além dos sonhos:
Lá – que céu! Que terra...
De repente, como se fosse uma messe perfumada,
Que eu ceifasse profusamente
Em Copacabana, Ipanema,
Na Tijuca, Botafogo, Leme,
Uma florescência de palavras polonesas germinou
E foi se alastrando pelo Rio de Janeiro,
Berrante, colorida, como uma feira persa,
Como o carnaval carioca.
E – no meio dessa orgia de flôres – o jardineiro, não “um floreiro”
Não “um jardineiro brasileiro”
Mas o nosso amigo, senhor Dziejewski.
Oh! Rio das côres! Oh! “Colorio”!
Rutilante cobra de mosaico
No grande arco da Avenida!
Oh! Rio! Ilhota da Atlântida
Por milagre salva, no globo,
E agarrando-se ao céu azul
Pelos braços das palmeiras, por cabos de cipó,
Por dentes de morros e rochedos abruptos!
Rio, dos beija-flores vibrantes
Atrás das janelas, num dia de Natal, como uma nuvem de asas!
Oh! Rio das noites estagnadas,
Das madrugadas de cobre fulgurante
Douradas ao alvôr do sol!
Quem te inventou? Quem te gerou em delírio?

Talvez o oceano, com a encantação de suas vagas
Tenha feito pasmar as praias crédulas
Com a tua miragem, modelando na argila da terra
A maravilha que és! ...
Outros pretendem – e acreditarei –
Que o Criador, vagando,
Em passo ébrio, dançando te criou
Atirando pelo caminho palmeiras, rochedos,
Negros, calôr e flôres...
Bem dita farra!
Agradeço! – “muito obrigado”
Pelo Rio – e pelos versos do exílio.

Wierszu mój, dziwne twoje dzieje...
Bo pomyśl: Rio de Janeiro
Było tych kwiatów oranżerią,
A tam, (— pamiętasz orchideje,
Flor de Ipe, Jaśmin de Cabo,
Maracuja i Flamboyanty,
Sześciopiętrowe drzew giganty,
Kwiatami osypane krwawo?),
A tam, powiadam, mało trzeba,
By z ziemi, jeśli łaska nieba,
Trysnęło, co ci się zamarzy,
I jeszcze więcej, nad marzenia —
Takie tam niebo, taka ziemia.
I nagle — jakbym wonne żniwo
Garściami z miodnej łąki zgarniał —
Z Copacabany, z Ipanemy,
Z Tijuca, z Botafogo, z Leme
Wybuch polskich słów kwiaciarnia.
I grzmi po Rio de Janeiro
Zgiełkliwa, pstra, jak jarmark perski

I jak karnawał cariocański,
A w niej — ogrodnik, nie floreiro,
Nie jardineiro brasileiro,
Lecz nasz przyjaciel, pan Dziewierski.
O, Rio Barw! O, Colorio,
Mozaik migające żmija
Na wielkim łuku Avenidy!
O, Rio, kępo Atlantydy,
Cudem na globie ocalała
I trzymająca się lazuru
Masztami palm, linami lian,
Zębami wzgórz i skał stromych!
Rio kolibrów wibrujących
Za oknem, w wilię, mgławym lotem!
, Rio nocy nieruchomych
I brzasków z rozpalonej miedzi,
Przełączającej się w spiekotę!
Kto cię wymyślił? Kto wybredził?
Chyba ocean swym bełkotem
Wmówił cię brzegom łatwowiernym
I wrzeźbił w ziemię cud bezmierny...
A inni mówią — i uwierzę —
Że to Stworzyciel na spacerze
Pijanym krokiem cię wytańczył,
Gubiąc po drodze palmy, skały,
Murzynów, kwiaty i upały...
Błogosławiona eskapado!
Dziękuję. Muito obrigado
Za Rio i za wiersz wygnańczy.

*

O caminho para o Rio é então um livro único, relato da viagem que é a vida, relato sobre a diversidade de personalidades que habita em todos nós, relato das pequenas histórias individuais enredadas na grande história, relato de autodescobertas e autoconstru-

ções. Mesmo que a grande história machucasse a maioria dos entrevistados, seus relatos nos deixam um recado importante, aprendido no Brasil: a vida é cruel – é verdade, é frágil e efêmera, é verdade, mas com todas as suas decepções, é curta demais para ser infeliz. Como demonstra um dos entrevistados – poeta e pintor Tomasz Łychowski –, muitas identidades, muitas pátrias nas quais não é possível viver ao mesmo tempo pode ser algo que provoca dores de saudades, mas torna o ser humano muito, muito mais rico.

REFERÊNCIA

PLUTA, Aleksandra. *Droga do Rio: historie polskich emigrantów*. Varsóvia: PWN, 2017.